

## PSICANÁLISE E CIÊNCIA: A EMERGÊNCIA DE UM SUJEITO SEM QUALIDADES

*Márcio Ramos\**

*Sonia Alberti\*\**

**RESUMO:** O presente artigo visa contribuir com o debate entre a psicanálise e a ciência enquanto fundamento para a emergência do sujeito tal como definido pela psicanálise. Parte do recurso à Koyré realizado por Lacan para o reordenamento epistemológico da psicanálise no mundo moderno. Tal recurso permite levantar a hipótese de que a psicanálise, para além de subverter o sujeito cartesiano, e por ser filiada à ciência, é o instrumento mais eficaz para efetuar um furo no saber biologicistas apoiados nas ideologias de quantificação do real e no erro epistemológico do realismo psicológico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise. Ciência. Sujeito.

\*Psicanalista, Mestre em psicanálise pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida – Campus Cabo Frio e Universidade Estácio de Sá – Campus Macaé.

\*\* Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Procientista da UERJ, Pesquisadora do CNPq, Psicanalista Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Endereço: Rua João Afonso, 60 casa 22. 22261-040 Rio de Janeiro/RJ. E-mail: sonialberti@gmail.com. Tel./Fax: 21 25273154.

“A psicanálise desempenhou um papel na subjetividade moderna e ela não poderá sustentá-lo sem ordená-lo no movimento em que a ciência elucida” (Lacan, 1953/1988, p.283).

## Introdução

Em seu curso *As palavras e as coisas* (1966/2000) que trata das condições de emergência das “ciências humanas”, Foucault afirma que a psicanálise é uma contra ciência-humana. O filósofo destaca que isso não quer dizer que ela seja menos “racional”, ou “objetiva” que as outras, mas que ela não cessa de “desfazer” esse homem que, nas ciências humanas, faz e refaz sua positividade.

Do mesmo modo que Foucault, Lacan em seu escrito *A ciência e a Verdade* (1966/1998), realiza uma análise crítica das ciências humanas sustentando que o objeto que elas reivindicam – o homem – não pode ser objetivado por nenhuma ciência. Por isso, Lacan (1966/1998) afirma que “o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito” (p. 873).

Lacan se vale dos estudos de Alexandre Koyré para estabelecer a vocação científica da psicanálise. Chega a dizer: “Koyré é nosso guia [...]” (1966/1988, p. 870) e o articula ao pensamento estruturalista, adequando-o à psicanálise, incluindo o sujeito do conhecimento e a incompletude da estrutura – coisa que Lévi-Strauss não iria compreender, como retomaremos.

A forma pela qual Alexandre Koyré trabalha a história das ciências se diferencia das narrativas do século XIX, que tratavam a “revolução científica” através de uma marcha contínua, progressiva e evolucionária. O epistemólogo destaca a modificação da estrutura do conhecimento a partir da alteração do pensamento científico e busca entender, por meio de análises de tratados científicos, como se deu a modificação da estrutura do conhecimento científico, visando uma historicidade lógica para a “revolução científica”.

Com o objetivo de refutar as interpretações continuístas de tendência positivista da ciência, Koyré mostra como a matematização do real dependeu da passagem do mundo antigo, baseado na cosmologia aristotélica, para o mundo da ciência galileiana. A concepção de história da ciência de Lacan, influenciada pelos trabalhos de Koyré, caracteriza a ciência como um dispositivo no qual a certeza se apoia apenas na consistência significativa. Isso significa que a formalização do real, própria da prática científica, é na verdade um arranjo

simbólico. A prática científica consiste numa matematização do real, o que se dá na contramão de uma quantificação.

Levamos a hipótese de que o recurso aos trabalhos de história da ciência de Koyré tem grande importância no retorno Freud feito por Lacan. O desenvolvimento da proposição de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem viabilizou um programa de formalização do conceito de inconsciente, assumindo uma posição frente ao discurso científico, sem colocar a psicanálise do lado de uma ciência da natureza, como alguns quiseram depreender de uma leitura possível do texto de Freud.

Na nossa hipótese, através da linguística estrutural, Lacan supera velhas dicotomias como a existente entre ciências humanas e ciências naturais e inaugura um novo campo conceitual. Ter a linguística como referência de ciência, não implica em um modelo de formalização exterior à psicanálise. Ela não funciona como um modelo de ciência, nem como uma fonte de empréstimo de conceitos sem que a psicanálise possa legislar sobre eles. A linguística funciona para a psicanálise como uma via de trabalho conceitual. De acordo com Canguilhem (1963): trabalhar um conceito é fazer variar sua extensão e compreensão, generalizá-lo mediante a importação de traços de exceção, exportá-lo para fora de sua região de origem, tomá-lo como modelo ou, inversamente, fornecer-lhe um, em resumo, dar-lhe progressivamente a função de uma forma. Desse modo, Lacan não subordina a psicanálise à linguística estrutural, ele adequa os seus conceitos ao campo de problemas psicanalíticos.

### **O sujeito é o significante**

Tal adequação, consiste em um trabalho de esclarecimento quanto ao estatuto epistemológico do sujeito para a psicanálise, centralizando as questões relativas ao sujeito: Freud funda a psicanálise a partir da formalização da hipótese do funcionamento do inconsciente; diferencia o sujeito como fora do campo da consciência, diferente da tradição filosófica cartesiana; apresenta uma cisão do homem que não pode ser mais visto como uma unidade ou como identidade, sem uma abertura para a alteridade.

O sujeito da psicanálise, então, é deduzido da representação, ele não é mais uma coisa que pensa, uma *res cogitans*, com Koyré e com o estruturalismo, Lacan deduz o sujeito com o significante. A consequência dessa empreitada é a estruturação de um dos axiomas centrais do início do seu ensino: o significante é o que representa o sujeito para o outro significante, o que leva, necessariamente, a uma dessubstancialização do sujeito. As bases para tal desconstrução

já estavam dadas em Freud, muito antes, mesmo se este tinha dificuldades em formalizá-la, pelo pioneirismo da coisa. De todo modo, poderíamos localizar sua primeira tentativa na conhecida “Carta 52”, escrita para Fliess, em 1896. Ela expõe uma tentativa de sistematização do aparelho psíquico de forma lógica, através de letras e números:

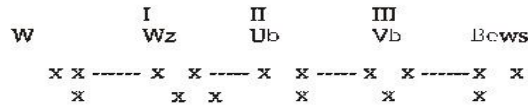


Fig 1: (Freud, 1896/2006, p.80)

As letras W, Wz, Ub, Vb, Bws correspondem, respectivamente, às percepções (*Wahrnehmungen*), traços de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), inconsciente (*das Unbewusste*), pré-consciente (*Vorbewusste*) e estar consciente (*Bewusstsein*). A presença dessas letras representando os sistemas psíquicos nos dá uma indicação de que, apesar de Freud ainda recorrer à base neuronal nessa época, também já emprega esses sistemas representados por letras numa associação sistemática. Esta formalização guarda certa aproximação com o modelo lógico-matemático empregado pela ciência e testemunha do esforço de Freud para criar um modelo teórico de explicação do psiquismo que não tivesse que recorrer somente ao material empírico. Entendemos que esse procedimento marca a tentativa de Freud, presente desde o *Projeto uma psicologia* (Freud, 1895/2006), de, a partir de símbolos, apreender o real do qual a psicanálise se ocupa.

A elaboração do conceito de inconsciente problematizou a concepção psicológica de consciência e interrogou o estatuto da psicologia no início do século XIX. Mas isso tem por consequência interrogar também as orientações psicológicas hoje. O sentido da subversão do sujeito promovido por Freud e conceituado por Lacan a partir da dita dessubstancialização, é a mais potente arma contra o avanço das tentativas de subordinar o psiquismo a uma questão do funcionamento orgânico.

Essas novas disciplinas psicológicas e terapêuticas compõem a engrenagem de um dispositivo normalizador que visa à produção de indivíduos úteis para a sociedade disciplinar. Tais táticas de normalização estão longe de estarem relacionadas ao modo de apreensão do real. Como já destacava Carmen Gallano em 2002: hoje, através da psiquiatria biológica e das

psicologias de base neurofisiológica, decreta-se a morte da psicanálise e descarta-se a especificidade de seu discurso, acusando-a de ser um tratamento muito custoso e que demanda muito tempo; afirma-se que a técnica neurocognitiva poderia produzir resultados mais rápidos e mais eficazes. Tais psicoterapias prometem ao sujeito o bem-estar mental visando a adaptá-lo à sociedade e às funções ditas normais. São discursos que visam alcançar um reconhecimento científico se servindo de um ideal de cientificidade das neurociências. Trata-se, na realidade, do que Canguilhem (1977) denominou de ideologias científicas. Não possuem um método próprio, se valem da tentativa da apropriação da linguagem neurogenética, para se afirmarem como ciências. Na defesa à sua cientificidade, entoam “hinos de louvores” à quantificação e à localização cerebral, atribuindo ao cérebro e a genética a causa primeira das psicopatologias, a ponto de darem a entender que o cérebro e a genética ocupam o mesmo lugar que Deus ocupava no mundo pré-científico: o de causa primeira inquestionável.

Sustenta-se nesse artigo que a psicanálise é antinômica ao modelo ideológico que converteu o tratamento das questões psíquicas como fato físico. Esse movimento tem influencia de um discurso de cientificidade de cunho que não deixa de ser positivista. Diferente do biologicismo que se abriu no estatuto epistemológico presente na psiquiatria desde o século XIX, Freud defendeu a hipótese do inconsciente e do recalçamento para explicar a causalidade dos sintomas neuróticos. Isso colocou a doença mental como uma questão relativa ao simbólico, deixando de submeter o psiquismo a um modelo biológico. Essa ruptura com o biologicismo possibilitou a psicanálise operar com um campo no qual não está em questão nem um organismo nem um homem, mas um sujeito.

Jacques Lacan retomou o conceito de inconsciente e a concepção de sujeito subjacente à elaboração freudiana, aprofundando a relação lógica da psicanálise com a ciência. Para isso, ele descartou a referência biológica e aproximou a psicanálise das ciências da linguagem pois, desde o início, não há psicanálise sem fala.

### **Da ontologia ao homem no Universo**

Em *A ciência e a verdade*, Lacan (1966/1998) afirma que o sujeito sobre o qual opera a psicanálise é o sujeito da ciência. Tal afirmação tem a forma de um axioma do qual se extraem mais três: 1- A psicanálise opera sobre um sujeito e não sobre um eu (*moi*); 2- Há um sujeito da ciência; 3- Os dois sujeitos são um.

Como se pode notar, os três axiomas se referem ao sujeito. A primeira afirmação diz respeito ao estatuto epistemológico psicanalítico. A segunda recorre a um conceito que é uma hipótese lacaniana: “sujeito da ciência”. A terceira sustenta-se em correlações históricas. Tais proposições não afirmam nada da psicanálise enquanto ciência, mas supõem uma teoria vinculada à constituição de um sujeito a partir do aparecimento da ciência.

Há em Lacan uma teoria da ciência. A ciência é fundamental para existência da psicanálise, pois a partir dela opera-se um corte que lhe dá condições de operar no mundo moderno. Lacan se apoia nos trabalhos de história da ciência de Koyré para demarcar os efeitos do corte que promoveu as condições de aparecimento de uma ciência moderna. A partir da matematização da física, o mundo finito, hierarquizado e qualitativo, dá lugar ao universo da precisão. Tal corte fica esclarecido se abordamos a ruptura que a atividade científica causou na organização cosmológica aristotélica.

Conforme Koyré em seus *Estudos de historia do pensamento científico* (1991a; 1991b; 1991c; 1991d; 1991e), o *Cosmo* de Aristóteles era organizado em uma hierarquia formada por três níveis. Esses níveis estavam localizados tomando como referência a perfeição. Eram eles: Ser (ou Deus), as esferas celestes e a natureza. Cada um desses níveis era estudado por um saber específico: a Ontologia, a Astronomia e a Física. Desse modo, cada campo de saber estudava um gênero determinado e dotado de qualidades distintas de acordo com seu grau de perfeição.

A hierarquização e a ideia de perfeição do Cosmo tinham como base a noção de lugar “natural”. Ela consistia numa noção puramente estática de ordem. Cada coisa que estivesse em sua ordem estaria no seu lugar “natural”, e tenderia a permanecer ali sempre. O corpo não só permaneceria no seu lugar “natural” como também oferecia uma resistência a todo esforço de afastá-lo. A única possibilidade de tirar um corpo do seu lugar “natural” seria pela via da violência. Mesmo assim, se o corpo depois de ter sofrido certa violência pudesse voltar ao seu lugar natural, procuraria voltar a ele. Isso expõe que a noção de movimento na física aristotélica implicava em uma desordem cósmica, uma perturbação no equilíbrio do Universo, pois ele é efeito direto da violência ou esforço do Ser em compensar essa violência para recuperar a ordem e o equilíbrio perdido, para recolocar as coisas em seus lugares naturais.

É no retorno à ordem que está implícita a ideia de movimento “natural”. Destarte, o movimento é concebido como algo transitório. Ele não pode ser concebido como um estado, mas sim, um vir a ser pelo qual as coisas se atualizam e se realizam. O fato de que cada

mudança precisa de uma causa para se explicar, implica um motor que atua conforme o movimento se efetua.

Se o movimento implica certa desordem cósmica, o que se encontra no lugar mais elevado da hierarquia – Deus – deve ser compreendido como um ser imóvel e perfeito, ele é concebido como ponto fixo e estático do Cosmo. Assim, o que não era Deus estava em movimento e ainda não teria encontrado o lugar “natural”. A perfeição de Deus era explicada por sua posição no Cosmo, ele estava em seu lugar natural, exatamente no lugar no qual deveria estar, era o mais perfeito porque não precisava se mover. O próprio ponto fixo de Deus no Cosmo impossibilitava que os outros seres chegassem a essa perfeição, a única coisa que poderia ocorrer seria aproximar-se dele, pois cada Ser já ocupava o lugar que deveria ocupar no Cosmo. Por ser concebido no ponto fixo e central dessa hierarquia, não poderia ser colocado em questão, sendo assim, todo movimento era é um motor movido por Deus, ele era a referência última das coisas que moviam. Essa referência última em Deus garante que todos os elementos do Cosmo se movimentem comandados por esse referencial absoluto: Deus é o primeiro motor do Cosmo.

Era preciso uma região de estudo diferente da ontologia para estudar as categorias das esferas celestes: a Astronomia. A ordem imutável e necessária implicada no caráter de perpetuidade e de continuidade das esferas celestes permitia um estudo matemático baseado na geometria euclidiana. Não se pode dizer a mesma coisa da física sublunar. Conforme Koyré (1991c), a Física sublunar se baseava na percepção, e era, por definição, anti-matemática.

Ela se caracterizava pela recusa em substituir o senso-comum e os fatos qualitativamente determinados pela administração geométrica dos fatos. A física pré-galileneana se fundamentava na heterogeneidade entre os conceitos matemáticos e os dados da experiência sensível, na incapacidade da matemática explicar a qualidade e deduzir o movimento. As explicações para os eventos do mundo sublunar eram meramente descritivas.

Koyré (1991d) esclarece bastante bem a impossibilidade colocada pela cosmologia aristotélica de estudar de forma matemática o mundo sublunar. Para tal concepção de mundo tentar aplicar as matemáticas ao estudo da natureza era cometer um contra-senso. Na cosmologia aristotélica a explicação do real é dada pelo impossível. Seria impossível se explicar os seres reais (sublunares) pelos seres matemáticos (esferas celestes) porque, como já mencionamos, os corpos que se movem em linha reta num espaço vazio infinito ocupavam outro lugar na hierarquia do Cosmo. Diferente dos seres reais que se deslocam num espaço

real, os corpos celestes se deslocam num espaço matemático. Não se concebia demonstrações matemáticas relativas à natureza. Por quê? Porque a natureza do ser físico era qualitativa e vaga, tudo que se poderia fazer era elencar as principais categorias do Ser (quente, mole, natural, violento, retilíneo). Era natural que uma pedra que fosse jogada para cima se dirigisse para baixo e que uma chama sempre se dirigisse para cima.

Era preciso determinadas virtudes para se estudar cada região de saber. Na visão da cosmologia aristotélica, usando as palavras de Koyré (1991b): “[...] quanto mais um espírito estiver acostumado à precisão e à rigidez do pensamento geométrico, menos ele será capaz de assimilar a diversidade móvel, cambiante e qualitativamente determinada do Ser” (p. 168).

É necessário destacar que o que visa a ideia de Cosmo de Aristóteles não é tratar de uma teologia ou de uma ciência. O objetivo da cosmologia aristotélica era encontrar um lugar para o homem no Universo. Ora, o que podemos deduzir é que sua resposta seria que *homem não seria nem divino e nem celeste, ele seria uma natureza*.

### **A emergência do sujeito da ciência moderna**

Galileu, ao tratar matematicamente a física, rompeu com as coordenadas de mundo que regiam a Idade Antiga (KOYRÉ, 1991d). A noção de mundo natural, com todas as características da antiga Cosmologia (finitude, qualidade, hierarquia) dá lugar ao chamado universo infinito da precisão. Os problemas aí propostos reorganizam a forma de se fazer e pensar a ciência. Neste universo sobressai o pensamento sem qualidades do cálculo. O campo de problemas científicos não necessita de virtudes para fabricar o real; conseqüentemente, neste novo campo de problemas a ‘Natureza’ não tende nem para nenhum sentido, nem para um mal ou para um bem. Koyré destaca que Galileu e, mais tarde e pela mesma razão, Descartes foram obrigados a suprimir a noção de qualidade, declarando-a subjetiva e banido-a com o estudo da natureza. Isso indica que, com a fundação da ciência, suprimiu-se a percepção e os sentidos como fonte de conhecimento, declarando a postura intelectual matematizada como única forma de apreender o real.

Ora, para Galileu mostrar que seria possível estabelecer as leis matemáticas nos estudos da natureza foi preciso realizar o impossível. Tratar as questões do movimento dos corpos matematicamente é realizar algo que não tinha sido feito até então, é realizar o impossível para a cosmologia aristotélica. É em um novo mundo no qual a matemática fabrica



a realidade que as leis da física clássica ganharam novo valor. A nova física rompeu com as concepções de movimento que fundamentavam a cosmologia aristotélica. A concepção dos espaços naturais caducou depois que Galileu demonstrou matematicamente que no vácuo o objeto poderia ficar eternamente em repouso ou eternamente em movimento. Tal ideia seria considerada impossível na cosmologia aristotélica uma vez que o movimento seria a busca de uma perfeição referenciada na figura central de Deus. Dessa forma, a posição científica desloca Deus da posição central do universo e de causa última e primeira das coisas. Com esse corte efetuado pela ciência, não só Deus perde o seu lugar central, o homem perde a referência em relação a sua causa e a seu lugar no mundo.

Para Koyré, a atitude intelectual da ciência moderna pode ser descrita em dois traços que se completam. São eles: A destruição do Cosmo e, conseqüentemente, o desaparecimento na ciência de todas as considerações baseadas nessa noção; A geometrização do espaço, isto é, a substituição do espaço qualitativamente diferente da física pré-galileana pelo espaço homogêneo e abstrato de uma física baseada na geometria euclidiana. Tal concepção de espaço foi substituída pela ideia de espaço infinito governado por leis universais.

O que fizeram os reformadores da ciência dentre eles Descartes e Galileu não foi somente substituir, combater ou evoluir as teorias erradas. O que realizaram os fundadores da ciência moderna foi a destruição de um mundo no qual a forma de se construir o conhecimento científico seria a atribuição de qualidades e o senso comum. A consequência da revolução científica foi a constituição de um conceito de ciência no qual o senso comum e os preconceitos são os primeiros obstáculos a serem derrubados.

No quadro epistemológico dessa retificação operada a partir da história das ciências, os axiomas de Koyré assim se escrevem: Existe um corte entre a *episteme* antiga e a ciência moderna, que consiste na passagem do mundo do mais ou menos para o Universo da precisão; A ciência moderna é galileana, e seu projeto consiste em submeter o real à exigência de precisão e rigor do símbolo matemático; O determinismo da ciência moderna estabelece a causa formal dos fenômenos sobre os quais se aplica: trata-se da elaboração de leis regulares para os fenômenos em ruptura com a concepção medieval do finalismo.

A ciência moderna é solidária à formulação de uma teoria do sujeito, destituído de qualidades empíricas, e fundamento desta.

## O sujeito cartesiano e o freudiano

A hipótese de Lacan sobre o sujeito da ciência tem como fundamento a destituição teorizada por Koyré, e passa por Descartes. Afinal, “O próprio sujeito, reduzido à equação 'penso, logo sou', se torna um sujeito sem qualidades” (SOUZA, 2007). Considerado por Lacan o primeiro filósofo moderno, Descartes mostra que a ciência moderna precisa do pensamento para operar a formalização do real, o testemunho do *Cogito*, que concebeu.

Descartes visou encontrar a verdade na ciência. O que é verdadeiro para Descartes é o que é formulado unicamente pela razão, é esse o ato que funda a ciência moderna. Na criação do seu método – baseado na lógica e nas matemáticas –, Descartes rejeita o uso dos sentidos, pois eles são enganadores, daí ele definir o sujeito como uma pura coisa pensante, *res cogitans*. Sofreu de maneira subjetiva a dessubstancialização que seu método provocou, todas as certezas vacilaram para ele, e deve ter vivido uma experiência que a personagem assumida por Jim Carrey, Truman Burbank, sofre no consagrado filme dirigido por Peter Weir (1998) e escrito por Andrew Niccol, *O show de Truman – o show da vida: a realidade é fake – falsa!* Dessa experiência, Descartes, como sujeito-pensamento, emerge de uma nova maneira, a que considera verdadeiro tudo o que a razão concebe claramente – logicamente – e de forma matematizada.

Conforme Koyré (1992), o ceticismo do primeiro momento do cogito produziu o racionalismo da ciência moderna. O cientista já não sofre com a dúvida como nosso Descartes-Truman, ele *a exerce* metodicamente. Ao mesmo tempo, fez-se *tabula rasa* de toda autoridade do mundo das qualidades. A dúvida como método separa o verdadeiro do falso, a partir de juízos atributivos.

Se foi Galileu o responsável por criar o método que inseriu o pensamento na construção do real, coube a Descartes a inserção do sujeito no processo racional da ciência. Ele estabeleceu a quebra da relação direta entre o real e a realidade e a disjunção entre percepção e pensamento.

Conforme Alberti e Elia (2008), a partir de Descartes inaugura-se uma separação entre o objeto na ciência e no discurso. A ciência constrói seu objeto de forma lógico-matemática de construir seu objeto, ou seja, metafórica, introduzindo uma hiância necessária entre o objeto tal como nos aparece na realidade e o objeto produzido conceitualmente pela ciência. O discurso do método científico distingue um mundo em que as coisas existem através da

representação conceitual, deixando de fora outro, onde as coisas são dadas pela experiência sensível.

Este pensamento moderno, destituído de qualidades não é só necessário à ciência moderna, ele foi também indispensável para fundamentar o inconsciente freudiano. O inconsciente freudiano é cartesiano, não porque esse é datado no mundo moderno, mas por afinidade discursiva. Assim como a física matemática elimina as qualidades dos existentes, a teoria do sujeito que responde a essa física deve despojá-lo de qualquer qualidade porque, no fim das contas, o sujeito sem qualidades é o sujeito da ciência.

Ora, a teorização de Freud sobre o inconsciente baseia-se nisso, e mesmo em seu texto em que mais parece idealizar a ciência – “O futuro de uma ilusão” (Freud, 1927) –, escrito, na realidade, para colocar em questão o sujeito da crença religiosa, o caminho que faz é, fundamentalmente, o mesmo de Descartes. Verifiquemos a concepção de ciência em Freud, articulada as suas tentativas de formalização do aparelho psíquico.

Assim como em Lacan, há em Freud uma teoria da ciência, que Lacan (1964/1998) chama de cientificismo porque o modelo de ciência ao qual Freud tentava articular a psicanálise é normalmente visto como o da ciência natural. Na realidade, o ideal de ciência para Freud é bem mais a física, afinal seu texto bombástico que afirma uma sexualidade infantil já em 1905, é absolutamente contemporâneo à publicação da teoria da relatividade, de Einstein, também em 1905, “E qualquer um de nós sabe o quanto aqueles Ensaio e essa teoria significaram para todo novo tempo então inaugurado” (ALBERTI, 2008, p. 77). Sabemos também do respeito mútuo, sobre o que ainda testemunha a correspondência que trocaram muitos anos depois (Freud, 1932/2006)

Com efeito, a teoria da ciência de Freud inclui o conceito de inconsciente, o que significa afirmar que, apesar de Freud visar um modelo de cientificidade para a psicanálise, na realidade ele rompeu com uma forma de pensamento orientado pelo positivismo e pela defesa das ciências da natureza como ideal de cientificidade para as ciências humanas. Como esclarece Mezan (2007), no contexto histórico de Freud as “atividades humanas” – também entendidas como civilização – eram estudadas pelas chamadas ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) que se diferenciavam das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*). Mas Freud não se submeteu a essa distinção, há em Freud uma preocupação em estabelecer uma ciência do psiquismo que estivesse rigorosamente de acordo com o paradigma de cientificidade da época, fornecido pelo conjunto das ciências naturais.

Existem vários textos em que Freud trabalha a relação do estatuto da psicanálise com a ciência (cf. os textos de 1914/2006b; 1915/2006; 1925/2006b; 1926/2006, entre outros), detenhamo-nos em “Sobre uma *Weltanschauung*” (1933/2006). A questão que orienta Freud nessa conferência é a seguinte: a Psicanálise envolveria uma concepção filosófica de homem, de sua natureza? Não, responde o texto, ao aproximar os sistemas filosóficos à *Weltanschauung* que Freud define como “construção intelectual que soluciona todos os problemas da nossa existência uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo” (p.155).

De saída então, demonstra como a ideia de uma *Weltanschauung* traz, intrinsecamente, ideais de conduta para orientar as ações humanas: é pela necessidade de se sentirem seguros que os homens defendem suas visões de mundo, recusando considerar qualquer objeção sobre ela.

Freud contrapõe a isso a psicanálise porque ela apresenta uma especificidade sobre a teorização do psiquismo, seria, então, inadequado que a psicanálise desenvolvesse uma concepção própria do Universo que lhe é extrínseco. Então, por um lado, a psicanálise apresenta um recorte muito específico e estuda apenas uma parte do real, tal como os outros saberes, científicos, por outro, não tem uma solução para nossa existência. Por isso ela precisaria aceitar a *Weltanschauung* da ciência que, como a psicanálise, inclui seus limites e, por não alcançar “a *uniformidade* da explicação do universo [...] o faz apenas na qualidade de projeto, cuja realização é relegada ao futuro” (p. 156). Já em 1895 é essa a visada freudiana, quando anota em seus papéis que jamais publicaria que “A finalidade desse projeto é estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural [...] isto é representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados” (1895[1950]/2006, p.102).

Em seu “Projeto”, como vimos, faz uma primeira tentativa, mas subvertendo qualquer possível relação direta com o cientismo quando, ao esquematizar o psiquismo pela via das letras – que aparecem designando sistemas e quantidade de energia do aparelho – subordina sua primeira explicação sobre o aparelho psíquico, que se tornou o fundamento para a metapsicologia, ao discurso da ciência no que ele tem de mais distante, justamente, de uma *Weltanschauung*: a matematização ou, melhor, a matemização, como diria Jacques Lacan anos depois, de seus conceitos.

Cinco anos depois, ao publicar *A Interpretação dos sonhos*, sustenta que existe um pensamento inconsciente e que é possível de construir um método científico para a investigação desse inconsciente. *A Interpretação dos sonhos* explicita o núcleo do programa epistemológico da psicanálise, a ciência do inconsciente, ou seja, uma ciência que localiza o pensamento fora da consciência de si. Trata-se do *Cogito* freudiano (MILNER, 1996) que subverte o cartesiano, sem de deixar de responder às exigências científicas do *Cogito*: 1- Exclusão de todo e qualquer conteúdo qualitativo do saber, do domínio do pensamento; 2- O evanescimento do sujeito.

O segundo axioma diz respeito que o sujeito do inconsciente aparece em um caráter pontual. Tal proposição fica mais clara em seu artigo de 1915 *O inconsciente*.

Em 1915, Freud afirma, logo de início, que é nas lacunas do consciente que se deve procurar o caminho para o inconsciente: nas formações do inconsciente, como as nomeia. No que se refere às suas características, nenhum processo químico ou psicológico pode dar-nos qualquer ideia a respeito da sua natureza. Estas lacunas não significam uma negação do pensamento, pelo contrário, elas significam que o domínio do pensamento é o inconsciente que possui uma lógica diferente da consciência de si. Tomando como modelo a forma pela qual Milner (1996), conceitua o inconsciente freudiano, através desse artigo metapsicológico, podemos afirmar que o conceito de inconsciente pode ser delimitado a partir de quatro proposições. São elas: 1- Existem pensamentos inconscientes; 2- Existem pensamentos que são estranhos à consciência de si; 3- O sonho, o chiste, o ato falho, e o sintoma são pensamentos estranhos à consciência de si; 4- A consciência de si não é a propriedade hegemônica do pensamento; 5- O sonho, o chiste, o ato falho, e o sintoma são a via régia do inconsciente.

Através do conceito de inconsciente, podemos entender que o sujeito do pensamento não é sua identidade, o que dessubstancializa o *Cogito* cartesiano. O *Cogito* freudiano responde às exigências da ciência moderna visto que ele não é uma realidade empírica – pois a ordem do sensível não interessa em nada a ciência e nem a psicanálise – e que sua teorização se fundamenta na exclusão de todo e qualquer conteúdo qualitativo do saber. Daí Lacan deduzir que a psicanálise opera justamente com o que a ciência excluiu do seu campo do saber: o sujeito. Este, por sua vez, não pode ser apreendido, como um objeto empírico. Podemos pensar, com o auxílio de Lacan (1954-1955/2010), que o que Freud coloca em questão através da teoria psicanalítica é que o sujeito e o objeto não são de maneira nenhuma

a mesma coisa. O ser do ponto de vista científico, não se pode apreender. Pois o ser não é da ordem científica.

### **A experiência não é o experimento**

No início dos anos 1950, a relação da psicanálise com a ciência foi abordada pelos pós-freudianos<sup>1</sup> de um modo cuja consequência seria a subordinação do saber psicanalítico ao conhecimento médico e biológico. Tal projeto implicou numa deturpação dos conceitos psicanalíticos relidos através de uma ideia de eu. Visando um vocabulário “científico” à psicanálise, os pós-freudianos estabeleceram equivalência entre conceitos totalmente heterogêneos como pulsão e instinto, desejo e necessidade. A psicanálise sofria de um lado a ameaça de perder seu objeto, o inconsciente, em proveito de uma psicologia do eu e, por outro lado, a ameaça de ser subordinada ao conhecimento médico.

Hoje, quando alguns chegam a supor a possibilidade de encontrar o psiquismo em neuroimagens, o inconsciente freudiano sofre uma desconstrução: supor-lhe uma localização cerebral, – anatômica –, ou uma identificação neural – fisiológica e bioquímica –, na contramão da formalização do conceito tanto por Freud quanto por Lacan de que ele é efeito do discurso, ressubstancializa toda *Weltanschauung*. Com efeito, “ao substancializar o inconsciente, perde-se de vista que a subjetividade humana, como aponta a psicanálise, é marcada pela linguagem que é material” (ERLICH & ALBERTI, 2008, pp. 49-50).

Nesse sentido, o desafio de Lacan, foi reconduzir o estatuto epistemológico da psicanálise ao seu objeto, o inconsciente e, como defendemos anteriormente, foi a influência de Koyré que permitiu Lacan aproximar a psicanálise da ciência de uma outra forma, pois, além de esclarecer o corte entre o mundo finito, hierarquizado e qualitativo e o pensamento matematizado e infinito da física galileniana, estabelece uma diferenciação importante entre a experiência e o experimento. Este funciona como refutação ao modelo quantitativo positivista e, ao mesmo tempo, esclarece a importância da teoria na formulação das hipóteses científicas. Para Koyré, a ciência se fundamenta pela teorização do real, sendo o experimento,

---

1

Estamos nos referindo precisamente aos analistas adeptos do que ficou conhecido como psicanálise do eu.

a materialização da teoria. Portanto, a ciência trabalha com a teorização e não pela quantificação baseada nos fatos observados (KOYRÉ, 1991).

Como argumentamos, os reformadores da ciência, dentre eles Galileu e Descartes, realizaram a destruição de um mundo no qual a forma de se construir o conhecimento seria a atribuição de qualidades e o senso comum. A consequência da revolução científica foi a constituição de uma história de retificação na qual a produção de conhecimento pelo primado da experiência (aquela criada pelos órgãos do sentido) foi o primeiro obstáculo a ser derrubado.

Os historiadores da ciência de base positivista insistem no seu caráter empírico e concreto em oposição ao caráter lógico-abstrato para definir a estrutura do fazer científico. Tal posição de história das ciências defende que o conhecimento científico se constituiu através de uma evolução da experiência propiciada pelos órgãos dos sentidos e não uma ruptura com ela, justamente. Entretanto, como destaca Koyré (1991e), não foi a experiência, mas sim, a experimentação:

Uma pura coleção dos dados da observação não constitui uma ciência. Os fatos devem ser ordenados, interpretados, explicados. Em outras palavras, só quando submetido a um tratamento teórico é que o conhecimento dos fatos se torna uma ciência (1991e, p.272).

No modo em que a ciência opera, o experimento funciona como um método de produção de dados regido pela matematização. De acordo com Koyré (1991e), quando Galileu declarou que “o livro da natureza é escrito em caracteres geométricos”, fez com que a obtenção do conhecimento fosse vinculada ao arranjo matemático. O experimento só existe como uma hipótese, é um modo de dar realidade à teoria.

Há uma distinção em Koyré entre a quantificação e a matematização do real. Ele descreve a matematização própria do trabalho científico, como um processo de formalização, isto é, uma substituição de uma concepção baseada no imaginário da experiência, para uma concepção baseada no arranjo simbólico da teoria. É como Lacan retomará Koyré na articulação com sua leitura do estruturalismo.

### **O Estruturalismo é disjunto do positivismo**

De acordo com Coelho (1967), não podemos falar de um conceito único para o termo estruturalismo. As diversas disciplinas constituídas sobre a égide do estruturalismo se construíram sobre uma orientação de escolas lingüísticas totalmente diferentes, tornando

impróprio o uso indistinto do conceito para todas elas. Entretanto, essas escolas, cada uma ao seu modo, apresentam concepções e métodos que implicam o reconhecimento de que a língua é uma estrutura ou um sistema. Diz Joseph Hrabák: “O estruturalismo não é uma teoria nem um método; é um ponto de vista epistemológico” (*apud* CÂMARA JR., 1967, p.5-6).

O estruturalismo surgiu como um modelo de ciência para as ciências humanas em um momento em que acreditava-se que o estatuto das chamadas ciências da natureza poderia se estender para fora dos seus limites pela via do método experimental. Em oposição a isso, as ciências conjecturais que se inscreveram sobre a égide do estruturalismo privilegiam um tratamento matematizado do seu objeto, se distinguindo das ciências da natureza nos seguintes aspectos: Primeiro: as disciplinas de base estruturalista trabalham objetos humanos e não naturais, e, segundo: é a noção de matematização que ali se amplia, se relacionando à dissolução das qualidades sensíveis (MILNER, 1996).

De acordo com Milner (1996), a linguística estrutural se constitui obedecendo ao mesmo gesto que funda a ciência moderna: a destituição das qualidades sensíveis através da matematização. Observando que a matematização é uma linguagem destituída de imaginário, um saber que cria objetos, separando a palavra da coisa, o autor denomina o procedimento da linguística estrutural de “matematização estendida”. Para se referir à operação própria da ciência moderna, Milner utiliza o termo “literalização”, entendendo que o significante é puramente matemático, e a matemática é puramente da ordem significante. “Os conceitos da psicanálise se apreendem em um campo de linguagem [...]” (LACAN, 1953/1998, p.239), o que tem por consequência que 1- O inconsciente é estruturado como uma linguagem; 2- o significante é o que representa o sujeito para o outro significante.

Entende-se que esses axiomas funcionam como uma resistência ao modelo biológico, exprimindo a elaboração de um modelo estrutural porque dessubstancializam o próprio homem como objeto. Contra as práticas de psicologização e biologicização, Lacan alude a um movimento na história da ciência que ele designou de os “praticantes da função simbólica”, incluindo nesse movimento os psicanalistas. Tais “praticantes” questionam a noção de homem como princípio explicativo e, conseqüentemente, proclamam um “anti-humanismo” teórico realizado pela antropologia estrutural. “A forma de matematização em que se inscreve a descoberta do *fonema*, [...], leva-nos aos próprios fundamentos nos quais a doutrina final de Freud aponta [...]” (LACAN, 1953/1998, p. 286 grifos do autor).



Lacan questiona: “O que é o sujeito?” para logo afirmar: “O sujeito é ninguém. Ele é decomposto, despedaçado. E ele se bloqueia, é aspirado pela imagem, ao mesmo tempo enganadora e realizada do outro, ou, igualmente, por sua imagem especular. Lá, ele encontra sua unidade” (1954-1955/2010, p.79). Com isso, rompe com a ideia de uma substância para o sujeito e introduz uma interação ética dinâmica entre sujeito e estrutura (COSTA-MOURA & SILVA, 2012, p. 379). Sendo o eu uma ilusão que se constitui por uma identificação, o sujeito não é o eu, localiza-se no inconsciente que é constituído pela estrutura e linguagem simbólica. Eis também o que Lévi-Strauss não compreendeu, porque não era, justamente, um psicanalista. Como observa Elia (2012, p. 13), Lévi-Strauss questiona Lacan por causa do uso que faz do estruturalismo que surgiu para retirar o humanismo das ciencias conjecturais e “vem você insistir em enfiar esse tal de sujeito na estrutura!”. Na realidade, “esse tal de sujeito” de Lacan, “não representava a reintrodução, pela porta dos fundos, do humanismo [...], mas a incidência do real, do irreduzível ao simbólico, na própria estrutura” (Elia, idem).

Levaria ainda alguns anos para Lacan demonstrá-lo de forma definitiva, o que aconteceu no momento em que pode definir “o campo da psicanálise como distinto do campo da linguística que estuda a linguagem desencarnada” (CALDAS, 2012, p. 88), ou seja, o lugar da estrutura em psicanálise como derivado, antes de tudo, de *lalangue*, conceito e neologismo que faz o equívoco entre a língua, a linguagem e a lalação do bebê em um tempo anterior ao da fala.

### **A emergência do sujeito**

A psicanálise desempenha no mundo moderno a função de teorizar sobre o sofrimento particular através do universal do conceito. Para tanto, ela opera com o que a ciência exclui dos seus cálculos: o sujeito e sua verdade. A hipótese fundamental desse trabalho implicou sustentar que os conceitos psicanalíticos se direcionam ao sujeito do inconsciente que, por definição, não pode ser dotado de realidade empírica ou de unidade. Por se direcionar a um sujeito, a psicanálise se vale da materialidade presente na palavra e na linguagem como suporte da constituição subjetiva. A linguagem e as palavras, para a psicanálise, são elementos não naturais constituintes da ordem humana.

Os axiomas citados serviram de alicerce para avaliar a psicanálise como uma das consequências lógicas do aparecimento da ciência. Com base no recurso de Lacan a Koyré, pode-se vislumbrar que enquanto Galileu tornou possível a literalização do real, Descartes

elaborou o sujeito da ciência através do *cogito*. Esse sujeito coloca seu modo de emergência no pensar, por isso ele é um sujeito totalmente dessubstanciado e evanescente, visto que ele só emerge no momento de irrupção do pensamento. O pensamento, desprovido de todos os dados empíricos e de substância fundamenta o inconsciente freudiano. O conceito freudiano de inconsciente retificou o *cogito* cartesiano, tirando do pensamento, as qualidades empíricas.

A psicanálise se aproxima dos axiomas da ciência ao destituir seu objeto de todo caráter empírico. A ordem do sensível não interessa em nada a ciência e nem a psicanálise. O que psicanálise efetua a partir da sua teoria é a cisão entre o sujeito e o objeto. A lógica de funcionamento inconsciente introduz a separação radical entre o campo das representações e o campo da coisa. Isso está presente na própria constituição subjetiva, e nos conduz a afirmar que o sujeito não pode ser apreendido, como um objeto empírico. Pode-se confirmar, com o auxílio de Lacan (1954-1955/2010), que o que Freud coloca em questão através da teoria psicanalítica é que o sujeito e o objeto não são de maneira nenhuma a mesma coisa. O ser do ponto de vista científico, não pode ser apreendido, pois o ser não é da ordem científica.

Para concluir, é preciso lembrar que “Lacan utilizou clinicamente o conceito de estrutura” (ROCHA MIRANDA, 2012, pp. 425-6), e isso para incluir nele o registro do real. Assim, é o real que comanda toda significância no campo estabelecido por Freud (idem, p. 427) e, em última instância, é essa a grande subversão desse campo. Daí ser compreensível a dificuldade de outros discursos alcançarem a representabilidade da psicanálise, ela, na verdade, não existe, o real se define por estar fora do simbólico.

**Referências:**

ALBERTI, S. Tempo e entropia. Anais do V Encontro Internacional da IF-EPFCL “Os Tempos do sujeito do inconsciente”, julho de 2008. pp. 77 a 83. Disponível em <http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/anais.pdf>. Acesso em 3/7/2013.

ALBERTI, S.; ELIA, L. Psicanálise e Ciência: o encontro dos discursos. *Rev. Mal-Estar Subj.* [online]. 2008; v.8, n.III: p. 779-802. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v8n3/10.pdf>>. ISSN 1518-6148. Acesso em: 18 ago. 2011.

CÂMARA JR, J. M. O Estruturalismo linguístico. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 15/16, p. 5-43, 1967.

CANGUILHEM, G. *Dialetique et philophie du nom chez Bachelard*. Paris: Revue internationnal de Philosophie, 1963.

\_\_\_\_\_. O que é uma ideologia científica? In: *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*. Lisboa: Edições 70, 1977: p. 73-89.

CALDAS, H. A estrutura do inconsciente laciano. In: ELIA, L. & MANSO, R. (orgs.) *Estrutura e psicanálise*. Rio de Janeiro, Cia. de Freud, 2012. pp. 80-90.

COELHO, E. P. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos. In: *Estruturalismos antologia de textos teóricos*. Lisboa: Portugalía, 1967, III-LXXV.

COSTA-MOURA, F. & SILVA, M.E.A. Função ética do real e advento do sujeito. In: ELIA, L. & MANSO, R. (orgs.) *Estrutura e psicanálise*. Rio de Janeiro, Cia. de Freud, 2012. pp. 373-387.

DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

ELIA, L. Preâmbulo. In: ELIA, L. & MANSO, R. (orgs.) *Estrutura e psicanálise*. Rio de Janeiro, Cia. de Freud, 2012. pp. 11-12.

ERLICH, H. & ALBERTI, S. O sujeito entre psicanálise e ciência. In *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 47-63, dez. 2008. Disponível em [periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/.../347](http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/.../347). Acessado em 4/7/2013.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1893). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v.2

\_\_\_\_\_. As neuropsicoses de defesa (1894). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 3.

\_\_\_\_\_. Projeto para uma psicologia científica (1895[1950]). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v.1

\_\_\_\_\_. A carta 52(1896). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 1

\_\_\_\_\_. A Interpretação dos sonhos (1900). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 5

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 7

\_\_\_\_\_. História do movimento psicanalítico (1914). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 7 a

\_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 9 b

\_\_\_\_\_. Pulsão e os Destinos da Pulsão (1915). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 14

\_\_\_\_\_. O Inconsciente (1915). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. XIV

\_\_\_\_\_. Além do Princípio do Prazer (1925). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006.v.8 a

\_\_\_\_\_. Autobiografia (1925). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 8 b

\_\_\_\_\_. A Questão de uma Análise Leiga (1926). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 20

\_\_\_\_\_. O Fetichismo (1927). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 21

\_\_\_\_\_. Novas conferências de introdução a psicanálise (1923). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 34

\_\_\_\_\_. A questão de uma Sobre uma *Weltanschauung* (1933). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006. v. 33

\_\_\_\_\_. A divisão do eu nos processos de defesa (1938). In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 2006.v. 34.

GALLANO, C. Psicanálise e Neurociências. *Heteridade 2*. Revista da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, Rio de Janeiro: Campo Lacaniano, Out. 2002, p. 127-138

GARCIA-ROZA, L. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

IANNINI, G. Nem *physis*, nem *psyché*: o papel da estrutura no reordenamento epistêmico da psicanálise. *Philosophos - Revista de Filosofia*, 2008 Jul/dez.; v.13, n.2: p.43-60. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/philosophos/article/view/4004>>. Acesso em: 29. Jan. 2012

Jorge. M. A. C.. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: J. Zahar. v. 1, 2005.

KOYRÉ, A. A contribuição científica da renascença. In: *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991a.

\_\_\_\_\_. Galileu e Platão. In: *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991b.

\_\_\_\_\_. Galileu e a Revolução científica do Século XVII. In: \_\_\_\_\_ *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991c.

\_\_\_\_\_. Do mundo do “mais ou menos” ao universo da precisão. In: \_\_\_\_\_ *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991d.

\_\_\_\_\_. Uma experiência de Medida. Lisboa. In: \_\_\_\_\_ *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991e.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre Descartes. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

Lacan, J. A Função e Campo na Fala e da Linguagem em Psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar 1953/1998.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1954-1955/2010.

\_\_\_\_\_. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1957/1998.

\_\_\_\_\_. A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1965/1998.

MEZAN, Renato. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?. *Nat. hum.* [online]. 2007, vol.9, n.2, pp. 319-359. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v9n2/v9n2a05.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2010.

MILLER, J. A. A lógica significante. In: *Matemas II*. Buenos Aires: Manancial, 1988.

MILNER, J-C. A. *Obra Clara: Lacan, a ciência e a filosofia*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1996.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, F.M.P. (2007) A importância do pensamento de Koyré para a orientação lacaniana. in *aSephallus*. vol. 3, no. 5, nov. 2007-abr.2008. [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_05/resenhas.htm](http://www.isepol.com/asephallus/numero_05/resenhas.htm). acesso em 2/7/2013.

**PSYCHOANALYSIS AND SCIENCE: the emergence of a subject without qualities**

**ABSTRACT:**

This paper aims to contribute to the debate between psychoanalysis and science as the basis for the emergence of the subject as defined by psychoanalysis. Part of the appeal to Koyre done by Lacan to the epistemological reorganization of psychoanalysis in the modern world. This feature allows to hypothesize that psychoanalysis, in addition to subvert the Cartesian subject, and be affiliated with science, is the most effective tool to make a hole in biologicist knowledge supported the ideologies of quantification of the real and the epistemological error psychological realism.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis. Science. Subject.

**LA PSYCHANALYSE ET DE LA SCIENCE: l'émergence d'un sujet sans qualités**

**RESUME:**

Cet article vise à contribuer au débat entre la psychanalyse et la science comme fondement pour l'émergence du sujet tel que défini par la psychanalyse. Une partie de l'appel à Koyré fait par Lacan à la réorganisation épistémologique de la psychanalyse dans le monde moderne. Cette fonction permet de faire l'hypothèse que la psychanalyse, en plus de subvertir le sujet cartésien, et être affilié à la science, est l'outil le plus efficace pour faire un trou dans la connaissance biologicist soutenu les idéologies de la quantification du réel et de l'erreur épistémologique réalisme psychologique.

**MOTS-CLÉS:** Psychoanalysis. Science. Sujet.



Recebido em: 15-10-2012

Aprovado em: 03-12-2012

© 2013 *Psicanálise & Barroco em revista*

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

*Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq*

*Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.*

*Memória, Subjetividade e Criação.*

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)